

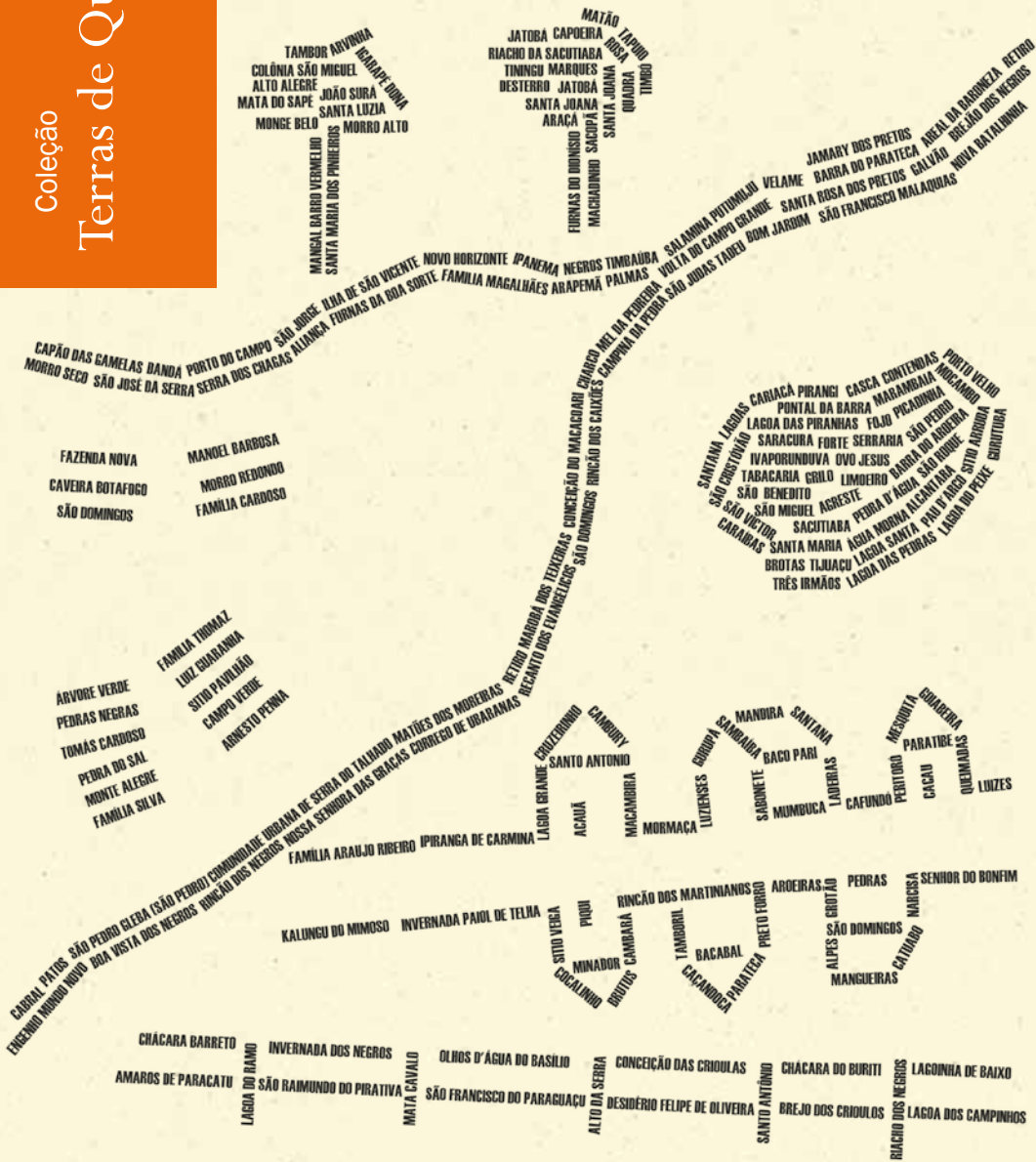


Coleção

Terras de Quilombos

Pernambuco

Comunidade Quilombola Contendas



As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

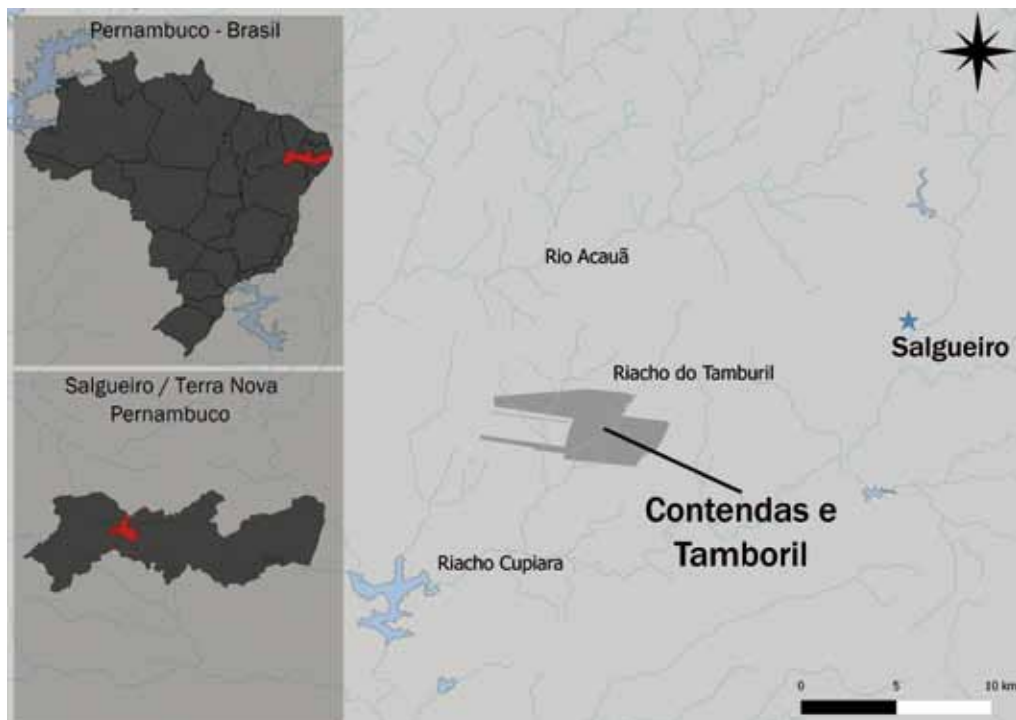
A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola Contendas

O Quilombo de Contendas está localizado nos municípios de Salgueiro e de Terra Nova, a cerca de 500 quilômetros de Recife, capital de Pernambuco. Em 2008, moravam em seu território, de 2.087 hectares, 161 pessoas, distribuídas em 40 famílias. **A comunidade é basicamente composta por dois grupos familiares que convivem em harmonia: um maior, o dos descendentes do fundador do quilombo – o negro José Simião dos Reis, que viveu cerca de 100 anos, entre fins do século 19 e fins do século 20 –; e um menor, o dos Muniz, assim conhecidos apesar de não terem este sobrenome, que chegaram ao território quilombola na década de 1970.**

Por uma série de erros burocráticos, a comunidade é também conhecida oficialmente como “Contendas e Tamboril” – nomes de antigas propriedades rurais –, mas trata-se de apenas um grupo social, que se



reconhece simplesmente como os quilombolas de Contendas. O território que ocupam, porém, está em grande parte cravado na Fazenda Tamboril, que foi desapropriada de Almani Sampaio pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para fins de reforma agrária. Cortada pela PE-483, a fazenda se divide em Tamboril, a leste da estrada, e Logrador, a oeste.

Segundo os quilombolas, o nome “Contendas” teria surgido séculos atrás devido aos embates entre os indígenas que fundaram o lugar e os brancos que queriam subjugar-los. Em 1895, quando José Simião dos Reis – chamado por seus descendentes de “Pai Nanão” – chegou criança de colo ao território, os brancos já o dominavam fazia muito tempo. Conforme contam os quilombolas, José Simião foi morar com a família dos Batistas, que não eram considerados brancos, e sim “pessoas de pele escura”. No entanto, eles não se diziam negros, não se aceitavam como negros.

Criado nesse ambiente preconceituoso, José Simião nunca foi considerado um igual pelos Batistas, cujo patriarca àquela época era Chico Batista. Quando criança, José Simião até brincava com os meninos “brancos”, mas à medida que estes cresciam, iam morar na cidade para estudar. Mais tarde, já adultos, eles voltavam à região como proprietários de terras e de gado, explorando pessoas negras e despossuídas como José Simião em suas atividades produtivas.

Sem nunca ter deixado a região de Contendas, José Simião conheceu lá mesmo Maria Quitéria de Jesus, que de acordo com os quilombolas, ele pediu em casamento logo na primeira vez em que se viram. Filha de uma família negra humilde que vivia em Letras – povoado próximo à Cabrobó –, Maria Quitéria deu a José Simião sete filhos. Estes constituíram a primeira geração dos “Simião”, como se autodenominam os quilombolas, ou dos “Negros de Simião”, como são chamados pelos de fora. Hoje, os descendentes de José Simião e de Maria Quitéria já estão



Casa de alvenaria ao fundo e casa de taipa à frente: a única que não foi demolida por ter sido última em que morou José Simião

na quinta geração e mantêm-se profundamente arraigados ao território de Contendas. Essa forte relação histórica com o território os levou à luta pela reivindicação de sua titulação em nome da comunidade remanescente de quilombo.

Breve história

José Simião dos Reis nasceu em 1892 na cidade de Barbalha, no Ceará, próximo à divisa com Pernambuco. Filho de José Simião de Freitas e de Maria Quitéria da Conceição, teve seu sobrenome escolhido devido ao dia de seu nascimento, 6 de janeiro, Dia de Reis. Nada se sabe sobre seu pai e apenas um pouco sobre sua mãe. Ao chegar a Salgueiro, Maria Quitéria foi trabalhar na casa de Guido Parente de Sá Barreto e “deu” o filho, com apenas 3 ou 4 anos, aos Batistas, que viviam no Tamboril. Os motivos pelos quais ela teve de agir assim não são bem conhecidos, mas sabe-se que José Simião e sua mulher também tiveram que “dar” aos Batistas, sua primeira filha, Joana, ainda pequena.

As terras da localidade pertenciam à família Parente, que, ao lado das famílias Sá e Barreto, era uma das grandes colonizadoras na região sertaneja de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Bahia. Por esse motivo, pode-se deduzir que os primeiros quilombolas de Contendas trabalhavam para essas famílias, seja como escravizados, seja como empregados sob alguma forma de servilismo, que ainda imperou na região muito tempo depois da abolição da escravatura. “Trabalhei um bocado de tempo, me acabei trabalhando para esse povo aí”, conta o Sr. Domingos, filho de Simião nascido em 1925. “Foi sujeito mesmo, foi que nem cativo.”



Carteira de identidade de José Simião

É provável que os pais de José Simião tenham sido escravizados pelas famílias Sá, Barreto e Parente, de acordo com os quilombolas mais velhos. “Sei que ele alcançou o tempo do cativo”, garante o Sr. Damião, outro filho de Simião, nascido em 1924. “Foi um tempo duro. Agora, quem foi escravo foi o pai dele.” Devido ao estigma da escravidão e do racismo, muitos moradores de Contendas preferiam se calar sobre seu passado, não revelando a seus filhos e netos a história do grupo. “A gente não sabe mais das coisas porque naquele tempo o povo não conversava com a gente”, lamenta Antônia, neta de Simião. “Não conversavam tudo o que acontecia com eles.”

Apesar das poucas informações sobre o passado dos quilombolas, sabe-se que Simião trabalhou como rendeiro nas terras das famílias Sá, Barreto e Parente, pagando um terço do que produzia aos donos das terras. Os filhos de Simião trabalhavam da mesma forma, já nos tempos em que as terras haviam sido divididas entre os filhos de Guido Parente – dos quais se destacaram João Parente de Sá Barreto e o padre Sizenando de Sá Barreto, este último, dono das fazendas Tamboril e Contendas e um dos homens mais ricos de Salgueiro por muitas décadas.

Padre Sizenando não vivia em suas propriedades rurais e permitiu que a família de Simião, assim como outras, crescesse e permanecesse no Tamboril. Segundo os quilombolas, foi “a era de ouro da fazenda”, quando eles podiam plantar em determinados lugares, pegar lenha para cozinhar e madeira para construir as casas, além de caçar. Não por acaso, até hoje padre Sizenando é muito querido na comunidade. “Ele inventava um trabalho para dar renda para os moradores”, conta o Sr. Domingos. “Nunca deixou um morador passar fome.” Naqueles tempos, primeira metade do século 20, havia no Tamboril um engenho de rapadura, plantações de cana-de-açúcar, gado e açudes. Todos os moradores pagavam um terço do que produziam ao padre e trabalhavam nas atividades da fazenda.

A relação entre padre Sizenando e os quilombolas, porém, era marcada pelo racismo. Fato revelador disso se deu quando o Sr. Domingos enterrou sua filha, morta ainda “anjinha”, ou seja, bem pequena, no cemitério em que estavam enterrados alguns dos Parentes, no próprio Tamboril. Segundo conta o próprio Sr. Domingos, no mesmo dia, padre Sizenando o obrigou a desenterrar a criança dizendo que ali não era cemitério de negros.

Nas festas realizadas na região, com destaque às de São João e de São Pedro, bem como as da Semana Santa e as de fim de ano, o racismo também era presente. Zé Pequeno revela que os brancos iam aonde queriam, inclusive participavam das festas dos negros. Estes, por sua vez, quando iam a uma festa das famílias brancas, sempre ouviam alguém gritar: “Caiu mosca no leite!”, denunciando a chegada de negros, que eram então expulsos do lugar.

Depois da morte de padre Sizenando, em fins dos anos 1950, o Tamboril foi herdado por seus irmãos e sobrinhos. Paulo Parente de Sá Barreto, irmão de padre Sizenando, ficou à frente da fazenda e tentou retirar de toda maneira os moradores das terras. Muitos saíram, mas a família de Simião resistiu. Em 1973, Paulo vendeu a propriedade para Almani de Sá Barreto Sampaio. Era o início dos tempos mais difíceis na trajetória dos descendentes de José Simião.

Perda da autonomia e luta pela permanência

Ao tomar posse do Tamboril, Almani começou uma criação extensiva de gado, contratou vaqueiros e cercou a propriedade, restringindo a movimentação dos quilombolas. Além disso, proibiu todas as atividades dos moradores com o intuito de forçá-los a abandonar o lugar. Quase todos realmente se mudaram, permanecendo alguns descendentes de Simião e os Muniz, que não eram tão discriminados por Almani. Os filhos, netos e bisnetos de Simião foram obrigados a ocupar apenas uma estreita área, onde ainda hoje está grande parte de suas casas.

Por ser o maior rendeiro do Tamboril na década de 1970, o Sr. Domingos foi quem mais sofreu pressão de Almani para abandonar o lugar. A principal estratégia do fazendeiro para tentar expulsar o quilombola foi soltar gado em seu roçado de algodão. Ao ver sua principal fonte de renda destruída, o Sr. Domingos teve de encontrar uma alternativa para sobreviver e continuar criando sua família: pediu a Francisco Parente que lhe vendesse “um pedaço de terra de 11 braças de largura”. Para fechar o negócio, o Sr. Domingos teve de juntar todas as suas economias e ainda vender os animais que pertenciam a ele e às suas filhas, que os haviam ganhado de seus padrinhos. Foi a maneira que encontrou de permanecer na comunidade.



Gualterina, Damião e Domingos,
filhos de Simião

Além de tentar expulsar os moradores das terras, Almani continuou exigindo que eles pagassem a ele um terço de sua produção, restringiu o acesso deles aos recursos naturais e proibiu-os de criar animais para não ocuparem os pastos de seu gado. Muitos quilombolas se viram então obrigados a morar na área urbana de Salgueiro ou mesmo mudar-se para cidades como Petrolina e Recife. Alguns deles se desligaram totalmente da comunidade, não se sabendo ao certo seu paradeiro.

Na mesma época, os Muniz chegaram ao território. Em meados daquela década, o governador Miguel Arraes promovia nos períodos de grande seca “frentes de emergência”, que se valiam de mão de obra local para construir obras de infraestrutura, como estradas e açudes, com o intuito de gerar renda temporariamente. Naquele tempo, os Muniz eram rendeiros em Cabrobó e foram a Salgueiro para trabalhar na frente de emergência que construía a estrada até a sede do Distrito de Umãs. Concluídas as obras, eles ficaram morando nas terras de Almani, trabalhando como rendeiros. Nos anos 1980, Zé Muniz se casou com Jacinta, neta de Domingos e bisneta de Simião. Era a aliança definitiva entre as duas famílias, que permanecem habitando conjuntamente o território.

Naquela década, a criação pecuária de Almani entrou em decadência devido às constantes secas. A alternativa de renda encontrada pelo fazendeiro foi explorar a areia do fundo do Riacho Tamboril, afluente do Rio Nova, que deságua no São Francisco. Feita sem licença e sem preocupação alguma com os danos ambientais, a retirada da terra alterou o curso das águas, causou enorme erosão e ainda prejudicou os roçados à beira do riacho.

Depois de anos dessa prática criminosa, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape), por meio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro, solicitou ao Incra uma visto-

ria na área, visando à desapropriação para fins de reforma agrária. Feita a vistoria, a fazenda foi considerada improdutivo, tendo logo se iniciado o processo de desapropriação. Apesar da decisão oficial, Almani continuou a retirada de areia do Riacho Tamboril, o que obrigou o Incra, junto com a Procuradoria Geral da República e a Polícia Federal, a intervir novamente.

Desapropriada a fazenda, foi implementado o Projeto de Assentamento (PA) Quilombola Contendas, tendo em vista que os maiores beneficiados seriam os descendentes de José Simião e os Muniz. No entanto, o modelo de PA trouxe muitas dificuldades para o grupo, a começar pelo fato de que divide o território em lotes, contrariando o modo de vida tradicional da comunidade. Para os quilombolas, a terra deve ser pensada como um todo e usufruída por todas as famílias conjuntamente. Com a separação em lotes e dadas as diferenças do território, a vida comunitária seria inviável, já que alguns poderiam ter acesso a muitos recursos naturais em detrimento dos outros.

Os recursos naturais do território quilombola

O território reivindicado pela comunidade de Contendas tem relevo pouco acidentado, com ligeiros aclives e declives, chamados pelos quilombolas de *baixios* e *chapadas*, respectivamente. Como o nome sugere, baixios são os locais mais baixos, com solo formado por terra de aluvião, já que é por onde correm córregos e riachos. Nesses locais, os moradores plantam suas roças. As chapadas, por sua vez, são as áreas mais elevadas, com solos que se diferenciam.

Na época das chuvas, os baixios são alagados pelas águas dos riachos, que depositam grande quantidade de matéria orgânica, garantindo a fertilidade dessas terras. No entanto, nem todo lugar é bom para plantar, já que a água se acumula em alguns locais, formando os *brejos*, desfavoráveis às atividades de plantio. Já os solos das chapadas são denominados *rasos* e *fundos*. Os rasos se caracterizam pela grande quantidade de pedras, que impedem a penetração das águas; os fundos são aqueles onde há poucas pedras, o que faz com que fique à mostra o “barro” do solo.



Baixio, área de roça no Logrador em período seco.
Ao fundo, as *mangas*



Caatinga rala

A vegetação local também é diferenciada, apesar de ser basicamente a caatinga. Nos solos mais fundos, há a denominada *mata de caatinga*; nos solos rasos, a *caatinga rala*. Na mata de caatinga, a vegetação é mais densa, com plantas rasteiras, arbustivas e arbóreas, o que torna difícil a locomoção por vários trechos. Já a caatinga rala é formada principalmente por pequenas plantas, sendo a única de maior porte uma planta espinhenta e resistente chamada favela.

Grande parte das roças dos quilombolas são de arroz, feijão e milho. Apesar de estarem em uma área comum, dando a impressão de ser uma grande roça coletiva, as plantações de feijão e de milho são feitas separadamente pelas famílias, cada qual responsável pelo que é seu, sempre respeitando o espaço das demais. As divisões entre os roçados são reconhecidas apenas pelos quilombolas, que tomam como marcos uma árvore ou um acidente geográfico, por exemplo, além de linhas imaginárias em alguns casos.

O arroz, por sua vez, é plantado a jusante de dois açudes, para ser constantemente agüado. Como nas roças de feijão e milho, as divisões feitas pelos quilombolas são imperceptíveis para pessoas de fora, mas bem claras para eles.

Além dessas grandes roças em áreas de uso comum, alguns quilombolas plantam roças nos arredores de suas casas. São as denominadas *roças de sequeiro*, que se valem apenas das chuvas para produzir. Há ainda a *roça de vazante*, que é plantada às margens dos açudes, à medida que estes vão secando. Na vazante, plantam-se milho e feijão, mas também melancia, abóbora (jerimum), melão, batata-doce e chuchu de cabaça, uma planta da região. Também é consumido pelos quilombolas o maxixe, que nasce naturalmente em todo o território e é comido no feijão ou cozido com leite.



Roça dos quilombolas: sem divisões aparentes



Roça de arroz no território quilombola

Nos quintais das casas, os moradores de Contendas costumam plantar também árvores frutíferas, como mangueiras, cajueiros, limoeiros e abacateiros. Plantam ainda mandiocas (macaxeiras) e pequenas ervas, que são utilizadas na produção de remédios caseiros para as mais diversas enfermidades. A água utilizada na cozinha ou no banho escorre para o quintal, aguando as plantas e assim garantindo o cultivo, independentemente dos períodos de seca.

Nas áreas cultiváveis, os quilombolas empregam pouca tecnologia: basicamente, usam facões e machados para derrubar a vegetação e enxadas para o plantio, para a *limpa* e colheita. Há alguns anos, a Associação de Moradores comprou arados e mulas por meio de um financiamento do Projeto Renascer, do governo estadual, com o qual também construíram muitas de suas casas, tendo eles mesmos fabricado os tijolos em seu território. O arado é muito utilizado pelos mais jovens, mas os mais velhos preferem manter o modo tradicional de trabalho com a terra, à base da enxada.



Açude da Trindade

Como todo sertanejo nordestino, os quilombolas constantemente sofrem devido à falta de chuvas, escassas na maior parte do ano. Por não contarem com nenhuma tecnologia de irrigação, dependem da água das chuvas para as suas plantações, bem como para seus açudes. Adaptados a essa realidade há muitas décadas, os moradores de Contendas mantêm calendário rígido dos períodos de plantio e de colheita de cada uma de suas culturas.

Para incrementar sua alimentação, os quilombolas caçam com espingardas e cachorros nas chamadas *mangas*, que são áreas de caatinga preservadas. Essa atividade, porém, está em declínio, já que não há mais abundância de caça como antigamente, segundo os moradores mais velhos. Por isso, a carne dos animais silvestres é cada vez mais utilizada pelos quilombolas apenas como tira-gosto ao beber cachaça, apesar de ainda ser consumida pelas famílias mais pobres na chamada *mistura*.

Religiosidade, festas e lazer

Os quilombolas de Contendas são em sua maioria católicos. Padre Cícero e Frei Damião, santos populares do Nordeste brasileiro, são venerados pelos moradores. Alguns quilombolas mais velhos têm o costume de fazer uma romaria até o local onde Padre Cícero está enterrado, em Juazeiro do Norte, no Ceará. Muitos moradores possuem um rosário e o bálsamo do Padre Cícero, este último usado para vários problemas de saúde. São José também é cultuado, sendo conhecido como o santo que representa a vida agrária. Nos períodos de seca, algumas mulheres fazem uma simpatia: roubam o São José das casas umas das outras e o enterram na roça, prometendo desenterrá-lo quando a chuva cair. Nas paredes das casas dos quilombolas, é comum haver imagens católicas.

Não por acaso, as principais festas no calendário da comunidade estão ligadas à religiosidade. A Festa de São João, a mais esperada no quilombo, celebra a colheita do milho. Nela, são preparadas diversas comidas à base do produto, além do tradicional doce de gergelim com rapadura. Durante a festa, dança-se muito forró. Já no Natal e na Semana Santa, os quilombolas fazem novenas em suas casas.

O futebol também está presente no cotidiano da comunidade, que tem um campo em seu território, utilizado durante o período de seca, pois na época chuvosa ele transforma-se em roça. Os jovens também jogam futebol em campos da vizinhança, além de frequentarem o centro urbano de Salgueiro nos fins de semana ou quando há festa na cidade. Há alguns anos, o quilombo contava com um projeto do Governo do Estado denominado “Saberes da Terra”, que desenvolveu um grupo de coco, praticado pelos adultos, e aulas de capoeira para as crianças.

Um passatempo comum no quilombo é relaxar na rede, jogando conversa fora ou cantando. Zé Pequeno costuma cantar *aboios* – que são cantos entoados por vaqueiros – e também cantigas que falam da vida na lavoura. Essas músicas o fazem lembrar de seu passado, quando havia um reizado na região, do qual ele fazia parte.

Ai, ai, São João, são do carneirinho,
ele é tão bonitinho
Fale com meu São José,
Fale com meu São José,
Para ele me ajudar
pro meu milho dar vinte espiga em cada pé.

Eu plantei meu milho todo no dia de São José
Com a sua providência vou colher milho a granel
Pelo cálculo eu vou colher vinte espiga em cada pé.

(cantiga de autoria de Zé Pequeno)

Em sinal de reverência aos mortos, há muitas cruzes espalhadas pelo território quilombola demarcando os locais onde pessoas morreram. Quando uma cruz é destruída pela ação do tempo, os moradores a substituem por uma nova, por “respeito à alma dos mortos”. Eles também coletam flores para enfeitar as cruzes. Há locais no território conhecidos por estas cruzes, como o lugar da “Cruz do Vieira” e as “Cruzes dos Viajantes”.

A Associação de Quilombolas Contendas

Em 1995, um vereador de Terra Nova foi a Contendas recolher assinaturas supostamente para requerer energia elétrica para a comunidade. Com as assinaturas, ele criou a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Contendas e Adjacências, enganando os quilombolas. Apesar disso, os moradores de Contendas viram na ocasião uma oportunidade de se unirem ainda mais na luta pela reivindicação de melhorias em seu território. Naquele período, a Associação entrou em contato com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Salgueiro, que já contava em seu quadro com diversas pessoas de Conceição das Crioulas, comunidade remanescente de quilombo que fica na Serra de Umãs. Liderança de Conceição das Crioulas e mais tarde funcionária da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff, Givânia Silva se aproximou das lideranças de Contendas, informando-as de seus direitos como comunidade remanescente de quilombo. Incentivados por Givânia, os moradores de Contendas, por meio de sua Associação, entraram em contato com a Comissão Estadual Quilombola, a entidade representativa das comunidades negras rurais quilombolas em Pernambuco. Começaram então reuniões regulares e cursos de capacitação promovidos por organizações não governamentais (ONGs) dedicadas à questão quilombola.

Por meio da Associação, que em 2007, com o apoio das lideranças de Conceição das Crioulas, passou a ser denominada Associação de Quilombolas Contendas (AQC), a comunidade conseguiu construir uma escola em seu território, que tem apenas uma sala e oferece ensino até a 4ª série; serviço de água encanada e instalação de energia elétrica, bem como a recente regularização territorial. Além disso, pela AQC, os quilombolas obtiveram recursos para a construção de casas de alvenaria e a compra de arados e animais.

Esta narrativa foi composta por Gustavo Fonseca, a partir do Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Contendas, escrito por Jonhny R. Rocha Cantarelli em 2008.

Todas as fotos são de Jonhny R. Rocha Cantarelli.

Uma palavra da comunidade Contendas



Cruzeiro de Contendas

Conta-se que em 1972 residia uma jovem no Sítio Contendas, chamada Maria Nazaré, filha de Domingos José dos Santos. Não se sabia porquê, mas tornou-se com ar de loucura. Desesperada, chorava e queria correr de casa, não comia e nem dormia, chamava por Frei Damião e São Francisco e pedia muito que rezassem por ela, falava que estava sendo perseguida pelo “demônio”, pedindo que não a deixassem morrer. Isso causava grande dor à sua família, parentes e amigos. Assim, foi internada na cidade de Salgueiro por três dias.

O médico não achando solução a mandou para casa para morrer, pois, na época, não haviam facilidades em procurar outros médicos. Seu pai passando por todas essas aflições fez uma promessa para São Francisco, que se sua filha ficasse curada construiria uma Capela em sua propriedade. Em prol da saúde de sua filha, fez um Cruzeiro, chamou o padre que deu a bênção a todos os familiares e presentes. Neste local seria futuramente construída a Capela.

Passados muitos anos, hoje Maria Nazaré está curada. É casada, mãe de onze filhos e vive feliz ao lado da família, no sítio Quinaquina Cedro.

O início de nossa associação de moradores veio através de um projeto para conquista de energia elétrica, para isso necessitava de uma Associação. A comunidade tomou consciência da importância da mesma e permanece atuante. Neste processo, queremos destacar a história de dona Antônia Maria de Jesus, moradora de 73 anos, uma das fundadoras da Comunidade. Ela vivia numa casinha de taipa e conta como os primeiros moradores da comunidade passavam por dificuldades. O pai de dona Antônia trabalhava carregando carga de cereais nos jumentos para os patrões. “E para nossa família trazia rapadura, sebo de rins de gado para ser nosso tempero e massa de milho. Por isso ainda hoje tenho a coragem da vida, pois isto é forte”, diz dona Antônia.

Ela começou a trabalhar com 6 anos na roça com enxada até os 16 anos. Com a proximidade de seu casamento, foi vender carvão para conseguir fazer seu enxoval. “No casamento eu e meu marido tivemos 8 filhos. Hoje temos 33 netos e 21 bisnetos, e apenas 5 estão fora da comunidade”, conta dona Antônia. “Quando eu era mais nova sempre participava com meus pais das festas religiosas e das missas que tinham na região. Depois de casada ficou mais difícil, por conta dos filhos pequenos. Mas na comunidade sempre havia um mais velho que animava todos a participarem. Dona Joana que incentivava a todos. Quando ela faleceu, e novos padres chegaram, eu tomei frente de animar a comunidade de participar dos festejos. Minha mãe festejava o Coração de Jesus, e ele passou para mim. E comemoramos no dia 11 de Novembro”, relembra a moradora. A primeira reunião sobre esse território de Contendas foi em Garanhuns, e demorou 6 dias. Fomos 5 pessoas para defender o território dos negros de Contendas. E essa reunião iniciou o movimento pela organização da comunidade.

Nosso maior sonho é o de conseguir o título definitivo da nossa terra. Já temos o reconhecimento do território, e a emissão de posse do INCRA mais não temos o título ainda. Esse processo de reconhecimento contou com a importante participação da senhora Aparecida Mendes da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Mas também temos como sonhos o funcionamento da escola da comunidade, e construção de Posto de Saúde dentro do território. Seria importante para nós a construção de poços artesianos para hortas comunitárias e a oferta de cursos profissionalizantes para nossa juventude.

Para melhoria de nossa qualidade de vida, temos açude na comunidade, barragens e uma feira trimestral do governo federal e estadual,

além de parcerias com governos e algumas organizações como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, além do Conselho de Desenvolvimento Rural e Prefeitura.

Para nossa geração de renda, a comunidade cultiva a agricultura familiar. Também temos criatórios de ovinos, suínos, caprinos e aves. A escola da comunidade se encontra fechada, o que dificulta muito para os mais jovens. O Programa de Saúde da Família é na sede do distrito de Umãs a 9 quilômetros da comunidade. E não existem outros equipamentos públicos para ajudar povo do território.

Apesar das dificuldades, temos grandes conquistas, como o acesso à terra, as casas de alvenaria, a reforma da escola, a construção de açudes e de barragens subterrâneas. Além da chegada da Iluminação pública, a construção de cisternas, da Capela São Francisco, e da Sede da Associação. Falta, no entanto, a maior de todas as conquistas: o título definitivo da nossa terra. Unidos, e com o apoio de comunidades vizinhas, temos certeza de que esse sonho logo se transformará em realidade.



Capela de São Francisco



Dona Antônia Maria de Jesus, moradora fundadora da Comunidade.

Esta palavra da Comunidade de Contendas foi construída com relatos coletados na comunidade entre Julho e Setembro de 2016, pela senhora Francisca Ivaneide de Souza Fernandes, além de reuniões da Associação de Moradores de Contendas, do qual dona Francisca é presidente. As fotos que constam nesta Palavra também são de autoria da mesma. Com colaboração de Marilene Ribeiro.



Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Soares Campos e Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Priscila Z. Martins, Danúbia Zanetti
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

S586qco Silva, Gustavo Augusto Fonseca
Quilombo Contendas / Gustavo Fonseca. - Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade remanescente de Quilombo Contendas - Pernambuco, elaborado por Jonhny R. Rocha Cantarelli.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Cantarelli, Jonhny Rosemberg Rocha. Relatório antropológico de reconhecimento e delimitação do território da comunidade remanescente de Quilombo Contendas - Pernambuco. I. Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e do Desenvolvimento Agrário

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Executivo Adjunto de Agricultura
Familiar e do Desenvolvimento Agrário

CARLOS EDUARDO BOVO
Diretor da Coordenação-Geral de Gestão
Estratégica, Monitoramento e Avaliação
(CGMA/ NEAD)

WILLY DE LA PIEDRA MESONES
Coordenador-Geral de Gestão Estratégica,
Monitoramento e Avaliação (CGMA/ NEAD)

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS
Coordenador Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos reúne um conjunto de

narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
CENTRO DE ESTUDOS
RURAIS E SOCIAIS

IB
CES - AL

Quilombos

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
GOVERNOS UNIDOS